



# O COSMOPOLITA

Orgão dos Empregados em Hotéis, Restaurantes, Cafés, Bars e Classes Conjengeres

ANO II — N. 37

Publica-se aos sábados

Rio de Janeiro, 27 de julho de 1918

REDAÇÃO

RUA DO SENADO, 215-217  
Telefone — Central 1499

## ESPEREMOS

No ultimo numero de O COSMOPOLITA já nos ocupamos da luta suscitada em torno das eleições para a nova administração do Centro. Discutimos a questão em teze elevando-nos sobre a maldade dos homens, e afirmamos que se tratava de um encontro inevitável entre duas correntes que divergem completamente de orientação. Afirmamos essa que sustentamos apesar da grita levantada pelos "evangelistas" que temem o perigo de uma cisão na classe. Qualquer que tenha algum conhecimento, embora rudimentar, da questão social, e tenha acompanhado com algum interesse o desenvolvimento associativo do proletariado moderno facilmente verificará a realidade dessa divergência entre nós, como em todas as associações que obedecem a métodos deficientissimos.

Para nós essa divergência real de principios não é um mal, pelo contrario um bem. Seria um mal si por ventura não si houvesse manifestado essa desinteligencia no terreno das idéas, entre indivíduos, mas sim, por que isso provaria suficientemente, o nosso estacionamento no caminho do aperfeiçoamento associativo. Mas, mesmo admitindo que isso fosse um mal, somos nós os responsáveis pela sua existencia? Fomos nós que o criamos? O que fizemos, de uma maneira clara e positiva, foi simplesmente revelá-lo.

O nosso intuito, quando definimos assim a luta não é promover cisão alguma. Apenas constatamos um fato naturalissimo que se manifesta em todas as ordens da vida humana. Tudo evolui dentro da natureza, tudo se aperfeiçoa na vida.

É em torno dessa massima que nós definimos principios e justificamos atitudes. Entrelanto não levamos a nossa intransigencia ao ponto de desconsiderar os interesses da classe. O nosso desejo ardente a nossa aspiração sublime é sermos livres. E não podemos ser livres sem primeiro nos libertarmos.

Eis, porque estamos dispostos a esperar o rezultado dos atos praticados pelos que não encaram a luta como nós, para encelarmos uma opposição intelijentemente orientada, sem nos preocuparmos com o poder da nossa critica, os seus atos. Sabemos perfeitamente, que os companheiros discriminados para dirigir o Centro no proximo ano administrativo, difficilmente poderão desempenhar a sua missão devido á falta de convicção e envergadura, para afrontar de zessombreadamente a situação. Não queremos personalizar. Esperemos rezultados praticos para depois dizermos com provas que a luta é dura, durissima, e são precisos temperamentos mais duros ainda para vencer.

Esperemos.

## De malho em punho

Vai uma celeuma entre os «patriotas» francezes, os «patriotas» inglezes, os «patriotas» norte-americanos, os «patriotas» italianos e os «patriotas» portuguezes, a proposito do projeto apresentado por um fabricante de leis, para que sejam mobilizados os estrangeiros aliados, residentes no Brazil, caso venham de ser mobilizadas as tropas nacionais. A grita é medonha.

Acham os «patriotas» aliados que é uma medida injusta. Até então estes patrioteiros batiam palmas e cantavam hossannas louvando a ação do governo brasileiro declarando a guerra á Alemanha. E iminentissimos burguezes e mediocres burguezotes, criaram Ligas de defeza disto e

## OS MISTICOS

Superiores um pouco aos trájicos, mas em muito aos oradores, pela sugestiva potencia da sua maneira de atuar, são os místicos cuja psicología já estudamos em outra obra.

Não ha duvida que pelas circunstancias dolorozas que hoje atravessa a alma humana, combatida entre um presente que morre e um futuro que surge, a multidão encontra no ideal místico a sedução e a esperança na fé. A esse momento psicológico deveriam sempre e devem ainda hoje, indiscutivelmente, os místicos, o seu poder de sugestão. Outra circunstancia concorre tambem para esse efeito: a de que enquanto os *meneurs* atuam de modo imediato e agitam diretamente a multidão, na qual os efeitos obtidos acabam por morrer, os místicos, tanto religiosos como sociais, atuam de modo mediato e *mediato*, simultaneamente, sobre pessoas predispostas. Si do primeiro modo obtém o mesmo efeito que os outros *meneurs* sobre a multidão reunida, da segunda forma alcançam ainda uma mais longa e duradoura sugestão, que chega a ser mais forte e mais intensa por si exercer sobre uma multidão jeralmente dolorida e doentia.

Eis porque, em nossa opinião, devem ser considerados em movimentos puramente místicos muitos impulsos da alma que não têm profundidade filozofica e doutrinar, mas que surtem de um verdadeiro conteúdo religioso, característico misticamente na sua ultima e profunda, irradiação para as multidões, como por exemplo o socialismo, apesar da sua alta e solene manifestação científica.

Daquei o poder confundir-se em um só conceito, movimentos diferentes, ainda que equivalentes sob o ponto de vista da psicología coletiva, podendo incluir-se na mesma categoria de *meneurs* Jezuz Cristo e Lassale, que apesar de tão distantes entre si pelo conteúdo das suas idéas e pela sua significação historica, se assemelham pela constituição antropológica estranha e jeralmente mórbida, e pelo modo de atuar sobre a multidão misticamente sedenta de vida.

Envolto no perfume da lenda que é a prova mais segura da profunda sugestão que exerceram, a propria multidão os exaltou á categoria de evocadores e dominadores sobrenaturais. A lenda é o mais seguro indicio do apreço e da divinição que as multidões dedicam aos eleitos que mais apaixonadamente lhes comoveram a alma. Em torno dos trájicos e dos oradores tece-se um fio subtil de ouro, mas a teia completa da lenda só serve para ser concedida aos mais esculpidos da infinita lejião dos *meneurs*: aos místicos políticos e sociais, por serem os que tem sabido ferir a mais intima fibra da sugestão sobre as multidões, quer reunidas, quer dispersas.

Na essencia ideal do espirito do místico, a polarização, a alucinação e o estazio são mais profundos entre os *meneurs* puramente místicos e setários, que entre os políticos. O seu estado de alma não pode traduzir-se por meio da linguagem ardente e inflamada; os seus oradores expressam-se com a paixão suave e penetrante que corresponde á sugestão lenta e continua da sua obra e dos seus escritos. Esta sugestão, que começa por ser *mediata*, continúa o seu labor em outra sugestão repozada e tranquila que invade a multidão dispersa, átomo por átomo, individuo por individuo.

Da «Sugestão e as Multidões», excelente livro de Pascoal Rossi.

N. da R. — Meneur é todo aquele que projetando a sombra enorme da sua alma sobre a amorfa dos que compõe a multidão, chegam a sugestiona-la com o mais alto grau de facinação que qualquer homem pode possuir.

daquilo, armaram tendas de propaganda da sogra e do Diabo; organizaram beneficentes chás dansantes, etc. etc, tudo isto com os aplauzos dos tais «patriotas» brazileiros e estrangeiros e a tudo isto ia pagando, bestificado, o Zé Povinho.

«Era o despertar civico da Nação» — diziam eles — «a guerra era um bem para a humanidade», era o direito dos fracos oprimidos, precisava-se defender a civilização, e outras palavras mais ou menos velhacas. Agora é um «salve-se quem puder» — Dezejo ardentemente ver «o patriotismo» desses velhacos, no dia da mobilização: muito me hei de rir. Agora batam palmas senhores «patriotas»... Ah! Ah!... Ah!... Ah!...

Dionizio Garcia

## Ecérto

I

A verdade é a conformidade do objeto e do pensamento com as palavras de que fazemos uso para a exprimir.

É a conformidade dos seres com o seu modelo, e das nossas idéias com a essencia das coisas representadas por essas idéias.

A verdade é sempre demonstravel e conduz inevitavelmente á felicidade material e moral da especie.

Como a felicidade, a verdade é relativa e sucetivel de se aperfeiçoar.

A verdade não será nunca perfeita, porque a verdade absoluta seria a felicidade absoluta e por conseguinte a parajem da atividade humana.

A busca da verdade é, entre o homem, a rezultante e a demonstração da sua incessante atividade, da constancia, da enerjia, da substancia universal (matéria), na sua relação com o aperfeiçoamento do organismo social.

O homem, em jeral, procura pouco a Verdade não só pela preguiça de pensar (inercia) como tambem receiozo dos rezultados duma séria reflexão.

A consequência disto, é a falta de principios e um seticismo deprimente que é nocivo á sua felicidade.

II

A Sabedoria consiste em bem compreender a sua natureza interna e moral, em bem conhecer e em sentir, pensar e praticar duma maneira conforme este conhecimento.

Aquele que chegar a conhecer as forças do seu corpo e as faculdades do seu espirito, saberá desenvolver-las e aperfeiçoá-las pelo uso dos sentidos e da razão. E quem se servir delas applicando-as ao bem da sua propria natureza, será um homem verdadeiramente sabio.

Para o sabio, a felicidade consiste, na satisfação moderada das suas necessidades materiais e morais, e na provação da sua propria consciencia. A morte não o assusta; ela é para ele uma necessidade, é a ultima afronta que a natureza lhe faz.

III

A felicidade moral e material consiste na harmonia entre as aspirações do individuo e as da coletividade humana.

Ha harmonia ou equilibrio, ha neutralização entre forças opostas, entre os elementos materiais e morais que compoem um conjunto determinado, uma sociedade.

A harmonia não podera existir por muito tempo na sociedade enquanto ela fór baseada sobre a desigualdade e sobre a força bruta.

## OS CRIADOS DOS ELEGANTES

Lembram-se os senhores de uma caza de saladas de frutas que existia e talvez ainda exista aí na Avenida Rio Branco? A freguezia dessa caza era servida por mocinhas; mas o que ninguém ou pouca jente conhecia era o sistema de retribuição adotado pelo proprietario da caza para conservar no seu estabelecimento essa encantadora novidade de ter criadilhas simpaticas, em vez de criados bárbaros.

O dono da caza não pagava um rial ás mocinhas, que viviam apenas das gorjetas que recebiam; e, mais ainda, certa oca não e hezjou a eziir que elas lhes pagassem a ele, feroz proprietario, cento e muitos mil réis por mez, si quizessem continuar nos seus postos; e ainda, para garantir a sua ganancia, esse homem hediondo impoz ás raparigas estrita obrigação não dizer á imprensa uma só palavra acerca do caso, sob pena de perderem os lugares! Tudo isso foi publicado pelos nossos colegas d'«A Rua» e não sofreu contestação.

Não sei si depois as pequenas foram expulsas da tal caza de saladas de frutas, nem mesmo sei si esta ainda existe — o que não é muito difficil verificar.

Não conheço exploração que se possa comparar com esta, a não ser a que exercem sobre suas escravas os proscenetas e proprietarios de rotulas; mas acima de tudo me admirava que essas meninas, que eram meninas de familia, não recorressem aos pais, ou aos irmãos, ou a qualquer amigo que as protegesse contra semelhante esbirro.

Lembrei-me delas ao ter noticia de que os criados da sorveteria Alvear tinham feito parade, abandonando o trabalho, por se sentirem torpemente explorados pelo patrão.

Com efeito, dá vontade de rir o teor do contrato que Alvear & Comp. faziam assinar a seus empregados. Por tal contrato ficavam estes obrigados: a trabalhar de graça, só percebendo as gorjetas que lhe desse a freguezia; a comprar flores para as mezas; a pagar toda a louça que se quebrasse na caza durante cada mez. Não sei si pagariam tambem a luz, o gaz e o aluguel do predio...

Seja como fór, ficava ainda ao patrão o direito de despedi-los na primeira emergencia, sem que eles tivessem o direito de reclamar indenização alguma. Pudera! Pois si nem ordenado tinham!

Pelo que me diz respeito, nunca tive noticia de contrato mais immoral. Não se compreende absolutamente que se faça um contrato de locação de serviços, em que o contratante ganhe para ficar rico, e o contratado, além de não ganhar um centil, ainda tenha encargos pecuniarios para com o patrão e possa ser posto na rua por qualquer movimento de mau humor do jerente.

Imajinem os senhores um diretor de jornal que chamasse um plunitivo e lhe propozesse:

— O amigo quer escrever no meu jornal?

— Perteitamente. Em que condições?

— As condições são estas: o amigo escreverá todos os artigos e notas que eu julgar conveniente; não perceberá ordenado; ganhará o que puder por fór, fará as despesas de penas, papel, tinta de escrever, moveis, tapetes e mais pertences para a redação; pagará tambem o papel e a tinta de emprimir; será dispensado quando eu assim o entender. Serve-lhe?

Provavelmente o proponente teria de gastar algum dinheiro com arnica para recompor as ventas.

Pois lá o homem da sorveteria Alvear realizou tudo isso e mais ainda... em grosso.

O que se alega para não pagar aos criados é que estes recebem gorjetas. Mas o patrão nada tem com isso. O freguez dá gorjeta, pri-

meiro — si quer dar; segundo — quando quer dar; terceiro — quanto quer dar. Ha freguezes jenerozos que dão boas gorjetas; ha freguezes que dão gorjetas diminutas; e ha outros que não as dão de especie alguma. Mas, haja o que houver, torçam por onde torcerem, a gorjeta é um presente que o freguez dá espontaneamente ao criado; o patrão, portanto, não pôde considera-la, como um anexo das suas rendas, estabelecendo que ela e só ela seja o pagamento dos seus empregados. Não é á freguezia que incumbe pagar ordenados. Menos ainda pôde o patrão levar o seu instinto de rapina ao ponto de eziir que o empregado pague as flores e a louça quebrada de um estabelecimento que não lhe rende diretamente um rial, embora permita ao proprietario enriquecer-se á custa do trabalho alieio.

Alegando-se tambem que na europa, isto é, em Paris, Berlin, Londres, Viena, Madrid e outras capitais cultas, ha esse costume de não ganharem coiza alguma os criados de cazas luxuozas, que só vivem de gorjetas; mas ninguém se lembra de que na Europa a gorjeta é uma instituição tradicional, tão respeitavel e tão solidamente construída como a Constituição Ingleza, a Universidade de Paris, a Igreja Catolica, a disciplina militar aleman e outras entidades truculentas.

Nas grandes cidades europeas, onde ninguém, mas absolutamente ninguém, deixa de dar ao criado uma gorjeta de 10 oyo sobre a importancia da despeza feita, deve-se contar ainda com a clientela dos viajantes, dos turistas, dos ricaços e dos rascacueros. Esses cavalheiros dão sempre boas gorjetas e formam uma clientela flutuante que incessantemente se renova e sempre com proveito para os criados.

No Rio, a freguezia que vai a certas cazas chamadas elegantes (das quais eu fujo ás leguas, porque é nelas que os sorretes, o chá, os vinhos e os doces são os piores, porque é nelas que se paga caro para ser pessimamente servido), como eu vinha dizendo, no Rio, a freguezia que vai ás cazas impropriamente chamadas elegantes é sempre a mesma e pouco numeroza. Demais, convém notar ainda o seguinte: jeralmente, os que mais assiduamente frequentam as cazas de bebidas elegantes são rapazes que a jiria pitoresca das ruas denomina *prontos*, isto é, cidadãos muito simpaticos, lindamente vestidos, alguns até com fama de ricos, mas inesplicavelmente, lamentavelmente desprevenidos de dinheiro, *argent de poche*, como eles di em algumas vezes...

Muitos desses cavalheiros assentam-se uma hora inteira em torno de uma meza para tomar um simples chá com alguns modestissimos sequilhos e no fim o criado tem dous ou, na melhor hipoteze, quatro tostões de gorjeta. Compreende-se bem que não será com tal rejimen que os criados poderão arcar com despezas de flores, que custam a pele do corpo, e com mais quinientos mil réis de louça mensalmente.

D'onde se vê que sem direito de greve, porque uma simples reclamação basta para que o proprietario os pouha na rua e os ameace com o policia, sem direito de sabotagem, porque uma simples chicara trincada que se lhes parta entre os dedos tem de ser paga por eles; não percebendo um rial de ordenado, ficam os pobres criados na situação de verdadeiros escravos do capitalista que os explora e se enriquece.

Entretanto, não me admira que haja patros, capazes de submeter seus empregados a esse rejimen de escravidão; o que me cauza assombro é haver homens, moços, fortes e dignos, que aceitem essas condições de trabalho, em que o empregado só tem onus e o patrão só tem vantajens! E viva a Democracia!

Antonio Torres.

O unico fim da atividade humana é procurar a felicidade.

A felicidade consiste na satisfação tão completa quanto possivel do ser moral e material.

O homem nunca alcançará senão obtendo a liberdade, a sabedoria e a verdade.

C. Novel

O companheiro José de Carvalho Perez que até o dia 23 Julho do ano corrente fez parte do Grupo Editor d'O COSMOPOLITA, teve a bem, não sabemos porque motivos, abandonar-nos, passando a sua parte monetaria e os seus direitos, ao companheiro Pregal.

Dezemos saúde e felicidades ao nosso prezado ex-membro do grupo, e estimamos que nos apareça de novo mais vigorizado e mais convicto.



PELA CLASSE

A GREVE NA ALVEAR

SUA CAUZA

A ação do G. COSMOPOLITA

E' publico e notorio que os proprietarios da Sorveteria Alvear & C. não pagam ordenado aos caixeiros e ainda lhes fazem declarar em um contrato bonio que de fato não ganham nada.

Infelizmente houve carneiros que furaram esse belo movimento e devido a isso não deu o resultado desejado. Entretanto muito se adiantou.

O publico precisa ser inteirado acerca dos verdadeiros motivos que arrastam os empregados da Sorveteria Alvear a abandonar o trabalho, esteriozando por está forma enérgica a surda e justificada revolta provocada pelo regime imposto pelos proprietarios desse estabelecimento.

E' necessario que os frequentadores da luxuosa sorveteria que ostenta na principal arteria desta capital, os requintes do luxo e da fantasia saibam pormenorizadamente de que estofo são a consciencia e escrupulo dos seus proprietarios.

Saibam, pois, todas as consciencias honestas e todos os corações bem formados, aos quais repugna a exploração do trabalho alheio, que os proprietarios da Sorveteria Alvear estão levando esta exploração ao anje, locupletando-se á custa do trabalho estenuante dos seus caixeiros.

Al Centro Cosmopolita, no desempenho da sua missão, libertadora e observando fielmente os fins que justificam a sua existencia, cumpria-lhe o dever indeclinavel de tomar a si o patrocínio da cauza dos que na classe vivem sujeitos á mais infame das explorações e reclamam justiça.

E al tem o publico as razões ponderozas que levaram os caixeiros da Alvear a abandonarem o trabalho; apoiados pelo Centro Cosmopolita, que procura, uma vez mais, muito lejitimamente, zelar os interesses da classe que representa, defendendo a dignidade dos seus membros e elevando o seu nivel moral que absolutamente não pôde estar a mercê de patróis que sobrepõem os seus interesses mercantilitas á dignidade e ao brio dos que vivem do trabalho quotidiano.

Damos a seguir a copia do infamante documento que os srs. Alvear & C. fazem firmar ao empregado que entra ao seu serviço. Por al poderá avaliar o publico a clamorosa infamia do regime imperante na Sorveteria Alvear, contra a qual ora se rebelam os seus empregados.

O CENTRO COSMOPOLITA. A CLASSE EM JERAL

COMPANHEIROS!

Si queremos de fato que o Centro Cosmopolita, caminhe galharda e allivamente no desempenho da sua elevada missão de libertador dos que reclamam justiça, deveis prestar-lhe o vosso concurso nos momentos mais criticos, em

que ele joga o seu prestijio na defeza dos interesses coletivos. Neste momento: os nossos companheiros da Sorveteria Alvear, que estavam trabalhando, sob imposições vexatorias de um contrato humilhante, que atenta contra a dignidade dos homens e fere os mais respeitaveis principios de justiça, rezolveram declarar-se em greve e pediram-nos o apoio do Centro no sentido de patrocinar a sua nobre cauza, apelando para os sentimentos da solidariedade de todos os companheiros.

As reclamações apresentadas são: a restituição imediata dos contratos — ordenados ficsos 100\$ (cem mil réis) mensais, e não aceitar sob nenhum pretexto responsabilidades sobre a quebra de material.

O Centro, no cumprimento iniludível da 2ua missão de justiça, apela para toda a classe no proposito de que os nossos companheiros em luta não tenham concorrentes.

Solidariedade e justiça!

A DIRETORIA.

A firma Alvear & C., estabelecida á Avenida-Rio Branco 118, nesta capital, o J. E. de nacionalidade estado civil e morador á rua tal n. tantos, tem justo e contratado o que reduzem ás seguintes clausulas:

1. — J. E. se obriga a cumprir respectivamente todas as ordens da jerencia ou seus propostos, servindo o mesmo J. E. na qualidade de garçon.

2. — J. E. não receberá salario algum nem ordenado de qualquer especie da firma Alvear & C., tendo J. E. apenas direito a guardar para si, como unica remuneração de seu trabalho, as gorjetas que os frequentadores de seu estabelecimento (Sorveteria Alvear) espontaneamente lhe queiram dar.

Si J. E. não receber gorjeta alguma, mesmo assim, em qualquer dessas hipótezes, não terá direito algum contra Alvear & C., ficando-lhe salvo apenas o direito de deixar a cauza.

3. — J. E. será despedido do serviço:

a) se pretender cobrar do freguez mais do que os preços marcados na tabela.

b) se uzar de artificios dezonestos, ou per outra forma prejudicar moral ou materialmente a cauza, a juizo da jerencia.

c) se faltar com o respeito devido á disciplina e á autoridade da jerencia, ou aos deveres da educação para com a freguezia.

d) Nos demais cazos previstos no art. 1229 do Codigo Civil a juizo de Alvear & C.

4. — J. E. se obriga a concorrer á coleta que é de uzo fazer-se no fim de cada mez entre os garçons para o pagamento de louças e material de cristofle, quebrada ou danificada pelos mesmos, assim como para a compra diaria de flores, á noite, para enfeitar as mezas.

5. — J. E. trabalhará nas mezas que forem determinadas pela jerencia, que poderá mudar o mesmo J. E. para novas mezas e em maior ou menor numero.

6. — Alvear & C. não serão obrigados em cazo algum a qualquer quantia a J. E. seja qual for o titulo invocado, ficando aos mesmos Alvear & C. o direito, quando lhes convier e sem apresentação de motivos, de despedir J. E. do serviço da cauza.

7. — E declara finalmente J. E. que sempre trabalhou no estabelecimento de Alvear & C. nas condições acima estipuladas, nada tendo a reclamar dos mesmos.

E por se acharem assim justos e contratados, assinam este na presença das testemunhas, depois de lido.

— Por um revolver que desapareceu

DEVANEIOS

O pensamento é função do cerebro. BUCHNER.

Refletindo-se sobre as fachadas das cazas da pequena vila, na quietude tranquila das coizas adormecidas, no doce silencio daquela noite serena, a lua acariciava a terra com a sua branda luz.

Luz suave e amena que nos faz cismar, transportando-nos ao dominio da fantasia, conduzidos pela imaginação.

E a minha imaginação consagra a grandioza utopia universal, a audacioza anarquia, demolidora e reconstrutora, e que regulará o equilibrio social pela boa distribuição da riqueza comum.

Será um futuro risonho e essencialmente humano, sem rivalidades, na boa compreensão das ideias, na comunhão dos desejos e o que temos a audacia de querer, com a convicção de poder.

Ouvi, partindo de uma caza distante, os sons de um violino. Que delicia, ouvir-se tocar violino numa noite de luar! Acordes maviosos de uma valsa chegavam-me aos ouvidos, festejando o enlace de dois jovens que se amam, que se propuzeram gozar o mutua felicidade e sofrer os comuns desgostos.

Mãe, disse eu, vês o que é o verdadeiro amor? Elles se unem sem a autorização do juiz ou do padre, porque o amor não pôde estar sujeito á toga ou á batina, não depende de uma formula em latim ou de algumas palavras encravadas no codigo: o amor está acima de tudo isso e eles assim o compreendem, e sabes porque, mãe? é porque são profundamente moralistas, são anarquistas.

São dois combatentes que se desprezaram e desprezaram o convencionalismo e a hipocrisia da sociedade actual.

Minha mãe, bôa velhinha beijando-me na testa, disse:

Não percebo, filho, tudo o que dizes, somente te digo que eles não estão cazados.

Pobre mãe, vitima dos preconceitos sociais e da peste religioza.

Da minha janela, estendendo a vista até o horizonte puro, de uma pureza ideal e sublime, eu admirava a potencia criadora da Natureza-mãe, no afan de dar a vida ao Universo.

E nas minhas divagações de utopista, antevia o povo, num jesto grandiozo, arrancando de sobre si as cadeias que o oprimiam, num jesto possante e irrezistivel, pelos campos e pelas officinas, fazer ruir a iniqua sociedade baseada na exploração do homem pelo homem; e o povo, liberto do jugo da escravidão multiforme, cantava a plenos pulmões a victoria do homem livre sobre a Terra livre, a união da grande familia humana, da laborioza colmeia social, pelos laços da mais pura fraternidade.

Surje, lentamente, precursora do sol vivificante, jerador da vida universal, uma esplendida aurora.

Reflecos de ouro, o vermelho e o roza, flôcos de algodão, stratus de fogo, todos os matizes se reuniam numa pintura soberba, num quadro unico e esplendoroso, numa admiravel concepção da Natureza, convidando a melhor patheta.

Assim também será, grandiozo e belo, o raiar da aurora da justiça social, da regeneração humana; dominarão, então, no paraizo humano, o amor e o trabalho livre...

Adobus

Coizas... de ultima hora

Que fizeram dançar

— num pé só certa triloja, e respectivo sequito, componentes, todos, do Grupo Mendigalista Vira-Cazaca & Vai na Onda:

a) A attitude exemplar, reconfortante e esmagadora, da União dos Trabalhadores em Calgado, em face da estardalhaçante mensajem...

b) A partida, para os Estados Unidos, do astuto e sanfarronico parlamentar Mauricio de Lacerda, padrinho clandestino da chol-dra... — E'achebê.

— disse-nos um deles — pagou cada um de nós 10\$000. E' ou não um absurdo?

E acrecentou:

— Raro é o mez em que Alvear & C., não nos apresentavam conta de louças quebradas, na importancia de... 600\$ e mais ás vezes. Junte isso ás festas extraordinarias e aos enfeites das mezas e verá o senhor o quanto eramos explorados.

A' noite a sorveteria reabriu as suas portas, servindo á freguezia alguns caixeiros improvisados.

O QUE NÓS IGNORAVAMOS

AINDA A REVOLUÇÃO SOCIAL NO MEXICO

Oito anos de luta!

Dezessete estado em poder dos revolucionarios

Diz LA BATALHA de Montevideo:

«A imprensa burgueza silencia em absoluto sobre a revolução agraria que, no Mexico, ha oito anos se mantem de pé e se alastra dia a dia por todo o paiz.

Ha alguns mezes atraz a revolução não tinha em seu poder mais Estados que os seguintes: Morelos, Guerrero, Tlaxcala, México e Puebla,--- e hoje tem estendida sua força até Hidalgo, Guanajato, Michoacán, Salisco, S. Luis Potosi, Zacatecas, Durango e Coahuila, Veracruz e Oaxaca, estando em vespuras de ser dominados os de Tabasco e Chiapas.

Duma proclamação que Emiliano Zapata --- dirige ao proletariado de todo munção, estraimos o seguinte: «Muito ganharíamos, nós outros, muito ganharíamos a justiça humana, si todos os povos da nossa America e de todas as nações da velha Europa, comprehendessem que a cauza do Mexico revolucionario e a cauza da Russia, a redentora, são e representam a cauza da humanidade, o interesse supremo de todos os povos oprimidos.

Uma e outra revolução vão dirijidas contra o que Leon Tolstoi chamara o «grande crime», contra a infame usurpação da terra, que sendo propriedade de todos, como a agua e como o ar, foi monopolizada por uns quantos poderozos, apoiados pela força dos exercitos e pela iniquidade das leis.

Logo não é de estranhar que o operariado mundial aplauda e admire a Revolução Russa, do mesmo modo que outorgará toda sua adefção, apoio e simpatia, a esta revolução mexicana, uma vez cientificado dos seus fins».

E «La Batalla» comenta:

«Para nós, os anarquistas, todo

movimento que, tenda a destruir o privilegios, contará sempre com a nossa sympathia, com o nosso apoio, porque não acreditamos que temos de esperar pelo resultado duma luta --- cujos meios são afines aos nossos --- para nos decidirmos contra ou a favor. E' por isso que nós, os anarquistas, temos que intervir em todas as revoluções que tenham o carater da Revolução Russa e da Mexicana, para que adquiram o maior carater possivel de anti-burguezas e anti-governamentais; lutando ao mesmo tempo contra esses revolucionarios que intentaram ou intentam erijir-se em caudillos, a espensas do sacrificio das massas populares.

As revoluções, como todo e qualquer movimento operario emancipador, não tomam, por si mesmas, um carater avançado, radical, mas pelo impulso dos mais avançados, dos mais radicais, que neles atuam.

Intervenhamos, portanto, em toda parte onde nos seja possivel orientar, emancipar, e impedir a intromissão de qualquer politico sem vergonha, disfarçado de apostolo do povo, e teremos feito boa obra.

E estes são, indubitavelmente, os momentos propicios para alentar, para prestijiar, entre todos os povos da America, esses movimentos revolucionarios, afim de que possamos em qualquer momento oportuno, iniciar alguma coiza equivalente, ou melhor ainda, si possivel for, ás revoluções da Russia e do Mexico».

E conclui:

«Não nos esqueçamos: o regime burguez e estatal está em completa decomposição e seria enorme á nossa torpeza, si não aproveitamos este grande momento historico».

SOMOS OS FORTES

De LA PROTESTA, diario anarquista da Argentina.

Não ha quem possa discutir o valor filozofico das nossas ideias: pensamento e ação, nervos e conclusões acabadas sobre a vida mizera dos povos eis al todo um programa de luta. Que partido pôde oferecer ao povo outro tanto?

Não somos redentores, nem nos propomos a redimir coiza alguma. Espomos os meios, explicando as causas do mal estar; desvendamos, dissecando o esqueleto social, fazendo do mundo enorme anfiteatro.

A trabalhar assim, queremos levar a pujança aos corpos entorpecidos, a energia aos braços froucos que não tem punhos para a obra, e que só serve para o trabalho brutal que enriquece ao patrão, e do qual vive parasiticamente.

Nos sentimos fortes. Somos os unicos fortes nesta sociedade onde o virus do mal corroe os musculos e o cerebro.

O povo representa hoje uma força negativa. Cada um operario é um zero á esquerda na soma total das unidades sociais.

E no entretanto são estes zeros a mola ríal do progresso, pois representam ação constante e renovadora que derruba regimens e erteje sobre o velho pedestal, novas tiranias.

E' uma contradição.

Pois não é acaso a vida mesma uma contradição monstruosa, um maquiavelismo social?

Nós queremos que o homem tenha consciencia, que as sociedades humanas sejam entidades conscientes capazes de manter seu equilibrio sem necessidade desse montão de fuzis e canhões que hoje detem a derrocada dos vestutuos organismos estatais.

Representa acaso um crime nossa pretensão?

Somos os fortes, porque somos o povo, as forças vitais em plena jstação. Não entretanto representamos na sociedade papel passivo.

Nossas forças só as empregamos para pro duzir, para criar, para elaborar o progresso, sobre um sem numero de crimes, de odio e de maldades.

Porque não empregar essas forças para destruir o mal? «Destruir é criar», disse um filozofa. E nós com a inconciencia de autômatos continuamos construindo pedra sobre pedra, o enorme edificio social, mais absurdo do que aquela famosa Babel que os babilonios pretenderam elevar até ao céu.

O povo necessita, para lutar, de um programa que lhe ofereça o que mais difficilmente possa possuir. No entanto não é amigo das conquistas que requerem um esforço e necessitam, portanto, dos titans do pensamento e da ação; gostam da conquista facil, que não lhe custe nem uma contração de musculos, d'esses musculos que emprega na rude tarefa da officina, da fabrica e da mina.

A psicologia do povo está compendiada no programa minimo do partido socialista. O socialismo reflete fielmente a incapacidade do povo, pois que sua doutrina representativa está baseada na indolencia do trabalhador, e na incapacidade da massa que não se incumoda ante a ideia da acefalia governamental. Se explica facilmente porque o socialismo tem adôtos apezar de ser uma doutrina negativa que submete o individuo á sociedade, e anula a independencia do cidadão, em beneficio dos interesses da nação, como os partidos conservadores que reduzem a caprichozas inter-pretações da lei os distribuidores da justiça.

O anarquismo não conta com zeros somados á unidade para fazer uma cifra consideravel, porque sua força se baseia na qualidade, e não na quantidade.

Eis al porque o anarquismo é uma força social superior ao socialismo, porque, o anarquismo é a força qualificativa e o socialismo a quantitativa. Quem pôde negar que os anarquistas, são a unica força efetiva capaz de dar uma racional solução ao problema social?

CRONICAS DA PAULICÉA

S. Paulo, Julho de 1918

Vivemos dominados pelo terror, diziamos no nosso anterior artigo, e o mesmo podemos afirmar hoje.

O terror se apoderou dos homens que nos pretendem governar, e o espantoso Anarquista, aterroriza-os, ao ponto de os fazer cometer todas as sortes de barbaridades contra os militantes operarios.

Qualquer boato de greve, é o pretexto sufficiente para se iniciar uma dezenfreada perseguição, invadindo o domicilio desses operarios, aterrorizando as familias e a todos os vizinhos.

Si o procurado não for encontrado em sua habitação, a colera dos esbirros chega a ponto de os levar a invadir as cazas vizinhas, com o pretexto de perguntar si o viram sair ou entrar. O delegadete que mais se distinguio nas proezas, é o celebre Bandeira de Melo, delegado do Braz, (a não confundir-se com o Bandeira de Melo do Rio de Janeiro). Este senhor chegou a proclamar-se heroi desse distrito, porque (segundo afirma ele) acabou com todos os Centros Libertarios aqui ezistentes.

Esse individuo foi quem efetivamente se manifestou o mais acerrimo inimigo dos operarios, pelas suas perseguições, e por intervir sempre a favor dos capitalistas, em todas as ocasiões de greve; porém o heroismo desse dejenestado, foi sempre em efetuar prisões de um ou mais operarios dezarmados, fazendo-se acompanhar por cinquenta capangas.

A imprensa burgueza prostituida depois de ter dado a sua palavra de honra ao Comité de Defesa Proletaria e de defender os operarios, não se preocupou com esses pequenos fatos, e muito menos depois que lhe foi aplicado o rejimen da Rolha.

S. Paulo tornou-se a fazenda do Altino Arantes, os seus escravos são os operarios, e os seus capangas são os diversos Bandeiras de Melo que aqui ezistem para oriental-os, em seu caminho e para que as suas aspirações sejam conseguidas.

Mas no entanto continuaremos a nossa obra demolidora de uma obra infame e assassina, em vespuras de ser sepultada pelas ondas revolucionarias.

Não serão as prisões que nos farão recuar, não será a perseguição que nos fará desistir; a luta travada continuará enquanto a vil tirania não deixar de ezistir; o nosso fim é apontar aos operarios os seus verdadeiros algozes, os seus verdadeiros carrascos.

O nosso intuito é apossar o dia da revanche proletaria, em que o povo saberá fazer justiça, acabando finalmente, de uma vez para sempre, com esta historia de lobos e carneiros, onde uns devoram e outros são devorados.

Convencidos de que a nossa pena está ao serviço de uma cauza justa e de um ideal sublime e humanitario, não dezistimos do nosso posto de combate e quanto mais pretendam oprimir-nos, quanto mais pretendam sacrificar-nos, tanto mais trabalham pela nossa redenção.

Para esses homens a liberdade não eziste, e quando tentam revoltar-se contra a miseria, e as infamias cometidas pelos bandidos de cazaca, são imediatamente presos, chicoteados, e arrastados aos diversos calabouços das masmorras Paulistas.

Os capitalistas garantidos como estão por esses capangas aos seus serviços, cometem toda sorte de abusos, chegando até a espancar as moças filhas de operarios que trabalham nos diversos ergastulos industriais.

Continuará o operariado de S. Paulo a suportar este rejimen mais aviltante da moderna escravidão?

Chegou a hora em que os homens do trabalho, os verdadeiros produtores da riqueza social, num justo sublime de rebeldia consciente, se insurjam contra todos os tiranos contra todos os opressores. E nós os que almejamos uma sociedade de iguais, onde todos os seres terão o direito à vida, estaremos na vanguarda de qualquer movimento de reivindicações proletarias.

A evolução está na ordem natural das cousas e como tal forçadamente ha de vir.

G. T. CULTURA SOCIAL

Balancete jeral do festival e 30 de Abril

Ingressos distribuidos 756
devolvidos 847

Entradas

Ingressos 368.000
vendidos na porta 59.000
Leilão 27.200

Total 454.200

Saídas

Centro Gallego 120.000
Pianista 40.000
Programas e ingressos 25.000
Guarda-roupa 10.000
Buquê de flores 1.000
4 vazas 1.800
A camaradas prezos 25.000
Pó de arroz 1.500
Vaselina 2.500
Pequeno estojo de caracterização 7.500
Pinceis 1.800
Alva ade 900
Arminhos 2.200
2 muzicas 3.000
Miudezas 1.700
Papel almaço e mais objetos de papellaria 5.800
1 carimbo 8.000
Cantos sociais 1.000
Algodãozinho 5.500
Toalhas 4.000
Escovas 3.000
1 mala 5.000
2 fraques 10.000

Total 286.200

Confronto

Entradas 454.200
Saídas 286.200

Em caixa 168.000

Pela comissão

Belarmino Fernandes.

Rio - 7 - 1918

Este dinheiro é destinado à propaganda.

N. R. - Publicação retardada por falta de espaço.

Motivos imperiosos de ordem tecnica, nos impedem publicar no presente numero, alem de outros escritos a magnifica tradução de U. d'Avila, sobre a Revolução Russa, o que faremos sabado proximo.

A Anarquia não é de hoje, ela vem de longe, e apesar dos esforços que os interessados tem feito para sufoca-la, ela avança serenamente e com passos de gigante por cima de todo e qualquer obstaculo que no caminho lhe lancem.

Francisco Cianel.

MISSIVAS DESTOANTES

ao ABILIO LOBO

II

Bravo mensajeiro

Já sei: sorriste a bom sorrir da minha ultima missiva. Que diabo dizia ela? Nada. Creio bem, ser essa a tua ferrea opinião. Aliás opinião de mais alguém. De mais alguém que contigo afina, que contigo comunga... Si isso é tão natural!

Não foi superior ao teu sarcasmo minhom, a tua irritaçãozinha nervosa.

Ora muito bem. Decer-se o pano e... (Não sei si sabes que me fiz, de novo, teatromano... intranzijente) E's diletante e como tal tens a minar-te os sentimentos duvidozos, o microbio-estimulo, do cabotinismo. Tua preocupação é uma só: pôr em relêvo tua individualidade confuza, tua apagada figurinha de militante por desporto. E'l tens a razão fundamental porque accettaste o cargo que galhardamente occupaste na U. J. T.; porque tens accetado ou venhas a aceitar outros cargos quaisquer... nessa luta nebulosa e inexpressiva pelo desenvolvimento sinuozado da organização-embuste; da esmola-alitva pela migalha interesseira atirada lá de cima do alto dos pinaros governamentais... E olha que já é...

Mas não ha nada como um dia depois do outro, -- lá diz o adajig.

Tudo isso vos ha de dar agua pela barba. E que agua, meu carissimo Lobinho, que agua!

Já se não pode admitir a menor parcela de boa-fé, nessa obra ridicula de diplomacia secreta, de sujestão e de rezoluções arbitrarjas, que vindes de iniciar, e que procurais, justificar «por todos os meios e formas...», muito embora os que reduziram a zero a propria mentalidade, andem por ai agora a desculpar-se...

Dize-me uma couza: que motivos te levaram a levantar na Construção Civil a ideia de elejer ou aclear um prezidente efetivo? E que causas te levaram a te desculpares duma maneira tão mesquinha, quando te sentiste acoçado por todos os lados? Até, mesmo, os que fizeram sua essa proposta, ficaram atonitos, indecizos, diante da tua abilianesca cobardia; atonia e indecizão essas, que com certeza soubeste desmanchar, com a tua habilidade macho e sistemática, sempre adornada dos ff e rr, que te são tão familiares quando falas.

E éras tú o secretario jeral da União Jeral dos Trabalhadores do Rio de Janeiro!

Has de «admirar-te», e contigo os teus afines, é claro, de como não sendo eu sindicalista, e muito menos mendigalista, tanto me atrevo a metter o bedelho nessas questões... transe-dentais de que sois campeões acerrimos, invenciveis. Será? E! No entanto a couza não é assim um bicho de sete cabeças. Da mesma forma porque combate o inimigo comum, da mesma forma procedo para comvosco, por estar

de ha muito convencido do vosso papel no meio em que atuais. E não é necessario ser-se douto abaixo psicologo para se deduzir tal conclusão. Depois eu não me conformo com isso de se «comer batatas e arrotar-se a bacalbau». Adversario feroz dos meus termos, partidario convicto do «ser ou não ser», tendo as baterias assentadas cá do outro lado, do estremo oposto, sinto-me perfeitamente à vontade, para espinafir os impostores desta ou daquela marca, mascarados ou de cara descoberta, não me confundindo com eles, porque não sou como eles.

E agora, trombeta ao ar, vai anunciar mais uma vez, a toda jente, que sou eu e os que como eu pensam, os elementos nocivos à organização operaria...

Do teu es-colega de officio, hoje feito empregado no comercio e correspondente epistolar dum jornal diário do Rio Grande do Sul (???)

S. Barbosa

O COSMOPOLITA

O COSMOPOLITA para viver precisa do concurso de todos os seus amigos.

A assinatura paga pontualmente é o auxilio mais eficaz que lhe podem prestar.

Assinatura anual: 5\$000.

A mais bela conquista do homem esta ainda por fazer: é a conquista de si mesmo.

CAFE' E BILHARES MINISTRO

Perfecto Gonzalez

Arcos, 24

TELEFONE C. 2462

Aberto até 1 hora da noite

Operarios: - adquire o quanto antes uma ou mais ações do jornal para trabalhadores que vae ser dado à publicidade nesta capital.

FABRICA LEALDADE

- DE -

AGUAS E GAZOZAS

ESPUMANTE - BRIZA - SEM ALCOOL

BEBAM GUARANA

J. FRANKLIM

SUCO GAZOZA

18, Rua D. Manoel, 18

Telefone Central 652

A palavra é um elemento de espresão das espresões.

U. J. dos Trabalhadores do Rio de Janeiro

Secretaria: Acre, 19

SEDES DOS SINDICATOS ADERENTES

União dos O. em Fabricas de Tecidos - Rua Acre, 19. Telefone C. 5754.

Sindicato dos Operarios das Pedreiras - Praça Tiradentes, 71

União dos Metalurgicos - Rua Teofilo Ottoni, 81.

União dos Officiais Barbeiros - Largo do Rozario, 34.

Sindicato do Entalhadores - Rua do Senado, 215.

União dos Operarios em Calçados - Rua da Constituição, 21.

União dos Alfalates - Rua da Alfandega, 182.

União da Construção Civil - Rua Gomes Carneiro, 14.

Sindicato dos Marceneiros e Artes Correlativas - Rua do Senado, 215

Liga Federal dos Empregados em Padaria - Praça Tiradentes, 71.

Centro dos Operarios Marmoristas - Praça Tiradentes, 71.

Sindicato Federal dos Manipuladores de Tabacos - Praça Tiradentes, 71.

Centro Cosmopolita - Rua do Senado, 215. Telefone C. 1499.

União dos Chapelleiros - Praça Tiradentes, 71.

União dos Maquinistas em Serraria, Marcenaria e Carpintaria - Praça Tiradente, 71.

prova o meu poder e, para avaliar-lhe de pronto o alcance, havia decidido experimentar-lo na realização de um ato absurdo, insensato e que fosse o mais possível, estranho ao temperamento do chanceler.

Reúne ele à tarde alguns teutões, eminentes no Comercio, na Agricultura e na Industria. Entre as notabilidades notei logo um sujeito volumozos, gordurozo, que brandia, sob um nariz indecente e à maneira de defezas, um par de guias de um bigode branco, enorme e agressivo.

Este mamouth chama-se Fritz Pomter, de Hirschberg. Prezide ao Sindicato dos grandes agronomos industriais da Siberia meridional, cujo nome, em alemão, é uma palavra gigantesca de cento e dezesseis letras, que contem treze k e seis h. Fritz Pomter é o homem mais circumspecto que vi em minha vida.

Tudo, em seu semblante, seu olhar, suas palavras, suas idéias, desmente que pudesse cometer ou tolerar um gracejo.

Foi precisamente isso o que me incitou a fazer deste bonzo o joguete duma mystificação. Demais não perdi tempo em armar uma dessas peças das quais se diz que são «bem francezas». A «blague» franceza não teria lugar no plano pompozamente grave do palacio de Berlim. Lembrei-me de alguma coiza imponente, uma farça de Lapick Arnaud, d'Alphonse Allais,

- e imediatamente ordenei ao chanceler que a puzesse em execução.

Enquanto o esponente da agricultura, Pomter Fritz explicava um complicado projeto de utilização colectiva das maquinas de mandar, o sr. de Bethmann-Holweg, que estava em uniforme de gala militar, tirou do bolso um charuto. Depois, levantando-se, foi para junto do orador. Fleumatico, introduziu-lhe a ponta do charuto entre os dentes. Este estupefato, calou-se.

6 de Julho de 1914 - Von Bethmann-Holweg é um homem frio, positivo, prolizo, indolente, orgulhoso, fêmeiro, melomano, frugal, faceiro, meticuloso e constipado. Conforma-se com os seus incomodos e defeitos em vista da semelhança com os grandes homens que tais defeitos e incomodos lhe fazem ter.

E' assim que, por exemplo, ele assimila de bom grado suavidade à de Talleyran, sua incontinencia verbal à de Mirabeau e suas prisões de ventre à de Napoleão.

Ele trabalhava todas as manhans num gabinete todo estucado e dourado, dando a impressão de um rato em um relicario. Durante as suas meditações sem fim, punha-se a puxar a barba ponteguada nesse jesto longo e sinuozado que era, ao que dizem, o do Vert Galant.

Largo tempo ficava a queimar cigarros de Sumatra, antes de estender a mão enegrecida de pelos ruivos para a fila de documentos e memoriais diplomaticos.

Suas janelas deitam para um parque. O céu espelha-se, branco e verde; na agua dos tanques em que mergulham imoveis sombras de pinheiros. Grandes jardins, povoados de marmores, de fontes, de arvores pontudas, que imitam em todos os pontos, as residencias de verão dos antigos romanos...

6 de Julho de 1914. - Lá vão oito dias que moro na alma deste titular. Hoje puz á

Folhetim

Henri Béraud

A ação de um Fantasma

ou

O Responsavel pela Grande Guerra

Traduzido para o COSMOPOLITA por Vicente de Miranda Reis

CAPITULO III

Em que os espirítas, os padres da Igreja e a opinião universal serão confundidos

Essas tentativas perturbavam-me, cançavam-me, repugnavam-me.

Sem conhecer bem as condições, podeis, acho eu, imaginar o que oferecem de repulsivos esses contatos abortados com a carne de um desconhecido, sofrido por um espirito mais ou menos delicado.

E depois a inhabilidade e impotencia dos espirimentadores em questão impedem-me de fazer a minha escolha, de orientar-me. Sua falta de lucidez cegava-me. Eu sentia-me - como explica-lo? - sentia-me semelhante a um recém-nacido cujo parto houvesse sido perturbado por uma parte inhabil. Que indizível tormento!

Enfim, uma noite, no 25 de maio de

1914, soube que se realizava uma sessão de espiritismo no castelo de Portdam, onde a corte de Guilherme II se distraia com essas experiencias, cujo intermediario era um tal professor Hobel-Licks (de Dresde). Este sacionio, de craneo amarelado pelo estudo e pelo fumo, não era destes mediums infrutiferos de cujos dezastres eu havia até então sido victima.

O professor Hobel-Licks manejava o imponderavel, se assim se pôde dizer, com essa segurança, essa astucia e esse metodo persistentes, proprios dos sabios alemães. Tinha um modo extraordinario de estender os braços no espaço, como se fosse pescar os astros. Seus massillares eram escancarados por gritos que eu não podia ouvir (1) e os seus oculos brilhavam na penumbra dos apozentos do «kronprinzessin».

A habilidade deste necromante proporcionou-me em alguns instantes uma lucidez maravilhosa. Prezente e invizível, eu examinava os principes jenerais, diplomatas reunidos em torno do tenebroso «bigodão». Puz-me então a escolher. Mas a minha escolha não se definia, visto que eu não conhecia nenhum semblante, eceto o do imperador e de seu primojenito, cujas caricaturas já havia visto, como todo mundo, nos jornais illustrados.

Veio-me por um instante a idéa de encarnar-me no proprio Guilherme II; e foi um escrupulo bastante tolo que me levou a desistir desse proposito. Não foi, é claro, o respeito nem o medo que me conteve. Pois, quando eu era homem, os soberanos nunca me preocuparam; assim sendo, nenhuma razão ha para que me veja agora, depois de morto, ofuscado pelos seus raios. O que me deteve

(1) - Antes da reencarnação, o espectro vê, porém não ouve. G. f. John Hardel.

foi antes uma suscetibilidade, um preconceito de velho parizense. Pareceu-me de mau gosto habitar Guilherme... Era assim como se fosse morar ao matadouro.

Fiquei, pois, a esperar, indecizo. Hobel-Licks impacientava-se, esanchava os dedos. Via-se claramente que ele já não podia mais, que as suas forças nervozas começavam a abandonar-lo. Era chegado, pensei, o momento de tomar um partido. A não ser que eu, quizesse mais uma vez voltar vexado ás ocizas parajens do não-ser.

Pela ultima vez examinei as caras dos assistentes:

Este? Não, era muito gordo.

E aquele? Oh! aquele não! que sujeito ruivo... E aquel'outro? Inda pior! um homem miopo!

E o tempo in passando. Já não havia um instante a perder.

Então, bruscamente, abaixei a cabeça e incorporei-me num personagem comprido, escanzelado, fleumatico, cujo semblante recordava vagamente o de um advogado que eu conhecia tempos atraz em Aix-les-Bains.

Eu insinuava-me nele sem que ele sequer pestanejasse. Falava-se sem se interromper. E no entanto eu acabava de assenhorar-me de todas as suas facultades como um habil «pick-pockel» escanoteia a carteira de um basbaque de esquina.

Uma vez instalado na consciencia desse individuo, experimentei a tentação incrível, majica, deliciosa, de me achar vivo outra vez. Mas era de um modo impessoal que eu sentia isso.

E' uma coiza difficil de explicar. Eu vivia no lugar de outro, mas vivia sem ser vivido.

Sabei que minha existencia, unicamente ativa, estava izenta de passividade. Podeis comparar o meu estado com o de um timoneiro que conduzisse um barco obedecendo a ordens telefonicas e sem saber onde ia. Eu ajia fora de toda responsabilidade, quer

(Coz. tinda).

# Companhia Hanseatica

Bebam as cervejas  
**Polar,  
Cascatinha,  
Iracema e Sumaré**

Fabricadas com agua da Tijuca, captada na  
propria nascente

Fabrica de Cerveja Oriente  
de José Vasquez Ferro  
Rua Visconde do Rio Branco 30



**GARIBALDI**  
Pitoresco parc ao ar  
livre  
(Entrada pela rua da Consti-  
tuição 53)  
TELEFONE C. 1573  
Rio de Janeiro

## Café e Bilhares do Campo

Casa especial em, café, chocolate, leite de  
Minas, mingaus, gemadas e ceias  
ABERTO ATE' A' 1 HORA DA NOITE

**José Antonio de Azevedo**  
**R. Frei Caneca, 1**

Canto da Praça da Republica e esquina d  
Rua Barão do Rio Branco  
TELEPHONE: C. 8760

**RIO DE JANEIRO**

## NÃO HA DUVIDA que é na CASCATA DO MINHO

a afamada casa de petisqueiras, sob a competente direcção do  
Passos, é o unico restaurante onde se pode comer bem e a pre-  
ços modicos, nestes dias de apertada parcimonia...

RUA DO LAVRADIO, 11 - Telephone C. 4725

**BEBAM**

**CAXAMBÚ**

A soberana das  
**Aguas de Meza**

**RIO DÃO** O vinho de me  
preferido

IMPORTADORES

**J Ferreira & C.**

Cerveja Park Bier. Estomacal  
e nutritiva  
**PRAÇA TIRADENTES, 27**

**CASA TIM-TIM POR TIM-TIM**

SEMPRE NA PONTA

ESPECIALIDADE EM PETISQUEIRAS A PORTUGUEZA  
E "COM ELLAS E SEM ELLAS" - ABERTO ATE' 1 HORA DA NOITE

Rua do Lavradio n. 41 - Telephone 3329  
RIO DE JANEIRO

**DURAN & BARBOSA**

# "Casa Rist"

Deposito excluzivo de productos  
nacionaes

**VINHOS E CONSERVAS**

Rua 7 de Setembro n. 77 Telephone 455 - Central

**BEBAM**

**SALUTARIS**

A Rainha das

**Aguas de Mez**

Solidarios com os companheiros da Associação de Rezistencia dos Cocheiros, Carroceiros e Classes Anexas, na  
luta em que se empenham contra a Companhia Brahma, rezolvemos romper com esta Companhia as nossas relações, sus-  
pendendo o seu anuncio.

Se continuassemos a publicar semelhante anuncio, diante do ato da Companhia Brahma, que acaba de lançar á rua uma  
centena de trabalhadores, por terem sabido defender dignamente os seus direitos, seria da nossa parte um triste ezemplo de  
deslealdade e traição á cauza proletaria. Os empregados de hoteis, restaurantes, cafés, bars, etc. não podem e não devem  
conservar-se indiferentes ao jesto de brutal autoritarismo com que a Brahma recebeu a justa reclmação dos seus empregados  
Todos nós estamos ligados a esses companheiros pelos laços a mais estreita afinidade e sentimentos e de interesses porque  
como eles, vivemos sob o jugo capitalista, ao passo que nenhum laço nos pode unir á poderosa Brahma, propriedade de arjentarios  
ociosos que nada produzido em beneficio da humanidade, uzufrem uma vida de gozos. Portanto, em reprezalia á Brahma, não  
vendamos os seus produtos!

